



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**CAMINHOS DISSONANTES: A TRAJETÓRIA DO MÉDICO  
FLORÊNCIO FRANCISCO DOS SANTOS FRANCO NAS GERAIS DA  
VIRADA DO XVIII AO XIX**

Paulo Miguel Fonseca\*

Trabalhar com a documentação epistolar de fins do setecentos pode servir a diversos fins. Por meio do acervo da coleção Casa dos Contos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, observamos as redes de sociabilidades que as personagens do período criaram em torno de si. Em sua maioria comerciantes, os missivistas mineiros tinham características bastante próximas. Em suas cartas podemos analisar as relações entre indivíduos e estruturas vigentes, as possibilidades de ação, de seguir ou burlar as normas sociais. É possível, portanto, observar não só a força das amarras culturais e sociais, mas também as formas desviantes de atuação do agente histórico.<sup>1</sup>

Por vezes, a personagem demonstra um perfil distinto, implicando em outras formas de atuação, ainda que dentro da estrutura social vigente. Esse é o caso do médico Florêncio Francisco dos Santos Franco, apresentando-se como um objeto de análise interessante justamente pela sua diversidade. É a partir de suas diferenças que buscaremos encontrar pontos de convergência e distanciamento dentro do corpo social da época.

\* Doutor em História (UERJ). Professor do Instituto Federal de Goiás.

<sup>1</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína. (coord.) *Usos & abusos da História oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

A reconstrução histórica que propomos por meio da cotidiana e ordinária comunicação epistolar de Florêncio Francisco serve a um objetivo principal: mostrar como esse grupo social ultramarino estabeleceu suas redes de sociabilidade. Procuramos indicar, portanto, de que formas essas redes os permitiram alcançar novas posições dentro de uma sociedade de Antigo Regime que se fragmentava igualmente no reino de Portugal e nos territórios ultramarinos. Além disso, observamos também como os correspondentes transitavam entre as diferentes propostas de civilidade estabelecidas na sociedade colonial.

São escassas as informações e referências a Florêncio Franco na historiografia tradicional, até onde se sabe, restringindo-se a três linhas no *Dicionário Aristocrático*, de Sanches de Baena Farinha, onde aparece a primeira singularidade dentro do universo mineiro: o título de Cavaleiro fidalgo da Casa Real. Na documentação preservada da época, a presença de Florêncio é mais generosa. No Acervo da Biblioteca Nacional, sua correspondência contabiliza mais de 580 documentos, sendo 420 cartas. Dessa, afere-se que Florêncio atuou nas Minas pelo menos desde a década de 1770 – posto que a primeira carta é datada de 1773 – e lá permaneceu, provavelmente, até meados da década de 1820. Setenta por cento de toda a massa documental são cartas produzidas nos primeiros vinte anos do século XIX e aproximadamente uma dezena originárias de fins do século XVIII. A disparidade temporal percebida na produção de cartas ao longo do corte cronológico nos tem motivo desconhecido. É possível que a personagem não tenha residido nas Minas durante todo o período, talvez alguma atividade o impedia ou mesmo prescindia da comunicação epistolar (o que nos parece bastante improvável), é ainda possível que seja por um motivo prosaico, como as missivas terem se perdido ao longo do tempo.

Característica singular do conjunto epistolar de Florêncio Franco é a existência de correspondentes femininos nas cartas do médico. Nas mais de 420 cartas que compõem o acervo, cerca de dez por cento foram escritas por mulheres. Florêncio conseguia dialogar com o sexo oposto, diferente de outros personagens do setecentos mineiro<sup>2</sup> comerciantes que geriam negócios considerados exclusivamente masculinos. Naturalmente, seu ofício de médico e boticário pesava nesse sentido, considerando-se que a maior parte das missivas referia-se a assuntos médicos, em especial enfermidades de

<sup>2</sup> Para essa comparação, considere os acervos epistolares da Coleção Casa dos Contos da Biblioteca Nacional, (doravante citados aqui como FBN-MSS) que apresentam excepcional uniformidade geográfica e cronológica.

familiares e escravos. Assim, constituía-se de matéria do âmbito privado das relações humanas, permitindo que as mulheres escrevessem livremente para o médico. Igualmente, a própria formação profissional mais sofisticada de Florêncio parece admitir que ele estabelecesse outras conexões com seus interlocutores. Apesar da maior parte das missivas relacionar-se a cuidados médicos, não foram poucas as cartas de mulheres que tratavam de assuntos geralmente relacionados ao universo masculino, como compra e venda de gêneros e terras, pedidos de esmolas e favores ligados ao ambiente militar do qual o médico fazia parte.

Ao analisar essas trocas epistolares temos sempre em mente a proposição da “escrita de si”, conforme formulada por Michel Foucault. Nesse sentido, procuramos observar as diversas construções de identidade do autor, sejam elas propositais ou inconscientes. Em uma escrita autoral e pública, como é a epistolar, essa é uma preocupação essencial que pode nos ajudar a perceber intenções e estratégias subjacentes, formas de expressão de si para o leitor e para si próprio, que implicam na construção de múltiplas identidades.<sup>3</sup>

Florêncio fez a vida em Minas Gerais como boticário e comerciante de remédios. Foi cirurgião militar, onde atingiu a patente de Capitão de Regimento de Linha e Cirurgião-Mor do Regimento de Cavalaria de Vila Rica<sup>4</sup>, juiz delegado da repartição de Cirurgia<sup>5</sup> e examinador da Junta do Protomedicato para concessão de licenças de prática médica. O cabedal acumulado por Florêncio Franco o permitiria arrematar em 1813 os dízimos das freguesias de Curvelo, Barra do Rio das Velhas e Santo Antônio de Manga<sup>6</sup>. O contrato, além dos lucros, auxiliava o médico em sua ascensão social e o facilitaria alcançar honrarias que normalmente não eram dedicadas a cirurgiões e comerciantes, duas atividades desprestigiadas da época. A primeira era um ofício mecânico e a segunda implicava na usura. Favorecido pela mobilidade social que caracterizou a sociedade

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* 7ª edição. Lisboa: Vega, 2009.

<sup>4</sup> MANDADO geral [...] passado a registro do capitão Florêncio Francisco dos Santos Franco, arrematante dos dízimos das freguesias abaixo declarados no triênio há de findar em dezembro de 1815. Vila Rica, 06/12/1813. FBN-MSS I-26,35,067.

<sup>5</sup> TERMO de juramento e posse de Florêncio Francisco dos Santos Franco para servir o cargo de juiz delegado de cirurgia, feito por Lucas Antônio Monteiro de Barros. Vila Rica, 12/10/1808. FBN-MSS I-26,36,054.

<sup>6</sup> PROVISÃO régia comunicando que Florêncio Francisco dos Santos Franco arrematou o direito de dízimos nas freguesias de Curvelo, Barra do Rio das Velhas e Santo Antônio da Manga no triênio de 1813 a 1815. Vila Rica, 17/11/1813. FBN-MSS I-26,33,029.



mineira e o enfraquecimento das estruturas estamentais que atingia o combalido reino de Portugal durante a grande crise de seu Antigo Regime,<sup>7</sup> Florêncio conseguiria em 1808 – apesar da natureza de suas atividades – sua nomeação como cavaleiro da Ordem de Cristo.

A construção de redes de sociabilidade tinha como grande instrumento a formação de tertúlias, em nosso caso, em especial tertúlias de comensais. Assim, convites para jantar ou para visitas pareciam bastante comuns ao médico. Antônio José de Araújo Godim, por exemplo, o convidou para jantar em um sábado, como despedida, a um amigo em comum que viajaria no dia seguinte pela manhã, e desejava, portanto, a presença de Florêncio para “fazerem uma saúde a despedida do mesmo [amigo]”.<sup>8</sup> Um terceiro bilhete transcrito abaixo, esse bastante informal, reforça a percepção de que Florêncio Franco tinha bons relacionamentos dentro da estrutura de poder de Minas Gerais:

Ilustríssimo senhor e amigo

Eu, o amigo [ouvidor] e o senhor coronel Nicolau rogamos a Vossa Senhoria se digne agora mesmo comparecer em casa do dito Tenente Coronel, onde nos achamos para comer um petisco e fazer uma partidinha.

Seu [capitão] e [amigo] obrigado

Pereira Costa<sup>9</sup>

Nesse caso, o que impressiona é justamente a informalidade com que o interlocutor trata o médico. Fica patente aqui um grau de proximidade que permite ao remetente tratar o destinatário de forma jovial, convidando-o a “comer um petisco” e “fazer uma partidinha”. Além disso, o remetente parece brincar com o destinatário, impondo-o uma pretensa autoridade, que fica clara pela expressão “se digne *agora mesmo* comparecer”, que introduz o assunto, mas que, pelo contrário, ressalta um grau de amizade que o permite justamente romper a autoridade constituída, ao anunciar que se trata de uma reunião social. Interessante notar que o endereçamento do bilhete, escrito no outro lado do papel, guarda a estrutura formal de tratamento “Ao ilustríssimo senhor Capitão Físico Mor Florêncio Francisco dos Santos Franco”, ainda que complementada

<sup>7</sup> SILVEIRA, Marco Antônio. *O universo do indistinto: Estado e sociedade nas Minas setecentistas (1735-1808)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

<sup>8</sup> GODIM, Antônio José [V...] de Araújo. Carta a Florêncio Francisco dos Santos Franco convidando para um jantar de despedida de um amigo. [Santa Casa], 01/10/[---?]. Consta P.S. informando que o major Pacheco comparecerá ao jantar. FBN-MSS I-10,29,007 n°006.

<sup>9</sup> COSTA, Pereira. Carta a Florêncio Francisco dos Santos Franco fazendo um convite para visita. [S.l.], [s.d.]. FBN-MSS I-10,29,003 n°040.

por “meu amigo e senhor”. Prova de que a proximidade era apenas para os olhos do destinatário, e não do mensageiro.

Apesar de poderem resultar em genuínas amizades, relacionamentos dessa natureza, envolvendo autoridades coloniais eram planejados e cultivados com cuidado. Dentro da estruturação social do sistema de mercês português – que não advinham apenas do Rei, mas também de reflexos de uma espiral de poder que descia a níveis sociais bem mais baixos e mimetizavam a atuação do monarca – essas estratégias de sociabilidade poderiam fazer a diferença entre uma trajetória vitoriosa e a estagnação. Assim, a construção de uma carreira baseava-se na troca de favores, nomeados aqui *favorecimentos*.

A situação mais comum para Florêncio receber pedidos de favorecimento, era através do ofício que exercia como cirurgião militar. Foi em uma situação dessas que, em outubro de 1817, recebeu duas cartas de João Francisco Bolina pedindo ao médico que intercedesse por sua baixa para que se retirasse para a freguesia de Indaiá, onde deixara uma esposa enferma. Na primeira das cartas, datada de seis de outubro, Bolina escreve:

Meu companheiro e amigo a quem muito respeito[...] e sou obrigado [...] estimo sua saúde e que continue com iguais gostos. Senhor, grande falta me faz Vossa Senhoria não estar nessa vila quando fui nomeado para vir destacado para esta vila ser [a ver o menor perigo] para poder ir para o Indaiá onde tinha deixado sua comadre em uma cama a dois meses de um aborto que tinha tido antes da minha saída. [Ela] hoje ainda lá está, e [...] sem meios e forças para a poder ir buscar para esta vila, e ela lá sofrendo necessidades. Razões por que me vejo na circunstância de incomodar a Vossa Senhoria para me alcançar de Sua Excelência a minha baixa para eu ir amparar e isto espero da notória honra e piedade de Vossa Senhoria fazendo-me demais o favor de me mandar a minha fé de ofício, e a ordem para o comandante cá mesmo me tomar conta do armamento e isentar de lá ir pois está tudo pronto, e me não falta nada, e o camarada que há de ficar em meu lugar pode me trazer a fé de ofício. Suplico a Vossa Senhoria a maior brevidade pois é Vossa Senhoria o único amparo que tenho para me favorecer e quando os céus me chegaram a Vossa Senhoria para companheiro foi um amparo que me prestou e por isso tenha paciência com minhas mofinações. Deus felicite e guarde a Vossa Senhoria com as felicidades que bem lhe deseja que é

De Vossa Senhoria o mais

Obrigado companheiro e fiel criado<sup>10</sup>

<sup>10</sup> BOLINA, João Francisco. Carta a Florêncio Francisco dos Santos Franco pedindo interferência junto ao governador para obtenção de sua baixa para dar assistência à sua esposa. Vila de Sabará, 06/10/1817. Consta P.S. informando que se o governador der uma licença não há a necessidade de solicitar a baixa. FBN-MSS I-10,29,002 nº010.

A esse comovente pedido de ajuda, Bolina acrescenta um pós-escrito que revela sua estratégia ao conferenciar com Florêncio:

P. S. Se Vossa Senhoria puder alcançar de sua Excelência [o eu ir] para o Indaiá [com passagem] daqui para encarregado da administração do Porto dos Monjolos por portaria dele como foi o ajudante Pantaleão é favor grande, e então não trate da baixa, aliás, não então venha a baixa.

A partir do recado final, percebemos que Bolina não se preocupava apenas em “amparar” a esposa, mas também fazê-lo de posse de uma posição na vila em que procurava se estabelecer. A estratégia do requerente é bastante clara. Primeiramente, ele tenta ganhar a simpatia do interlocutor expondo seu problema e o estado de saúde de sua esposa. No decorrer da conversa, Bolina apresenta o motivo da missiva, pedindo a Florêncio, como um pequeno favor, que interceda a favor de sua baixa, para poder estar próximo à esposa. Após as costumeiras despedidas, já em um posfácio, pede que o médico, cirurgião militar do regimento de Vila Rica, advogue a seu favor para que consiga um posto como encarregado do porto de Monjolo. A “arquitetura” do pedido foi tão bem elaborada e posta em prática, que o autor se permite ainda a possibilidade de citar um exemplo da graça almejada, “como foi o ajudante Pantaleão”. Uma forma de demonstrar que o pedido é factível e não transpõe as barreiras das trocas e favorecimentos.

Aparentemente, a estratégia do militar não resultou em sucesso, posto que três meses depois da primeira carta, Bolina escreveu novamente a Florêncio Franco, desta vez pedindo apenas sua baixa no destacamento de Sabará.<sup>11</sup> Mais dois bilhetes de João Francisco Bolina foram encontrados, infelizmente sem destinatário, data ou local de origem que nos ajudasse a situá-los na questão da transferência, mas em um desses bilhetes Bolina continuava pedindo – agora de forma mais direta e clara – sua nomeação como comandante do destacamento de Indaiá.<sup>12</sup> Apesar de não ser conclusiva, a progressão da comunicação entre as partes parece levar a um desfecho desfavorável à requisição do militar.

<sup>11</sup> BOLINA, João Francisco. Carta a Florêncio Francisco dos Santos Franco solicitando baixa no destacamento para dar assistência à sua família. Sabará, 16/01/1818. FBN-MSS I-10,29,002 nº011.

<sup>12</sup> BOLINA, João Francisco. Bilhete a [Florêncio Francisco dos Santos Franco] pedindo para ser o comandante do destacamento em Indaiá. [S.l.], [s.d.]. Não possui destinatário. FBN-MSS I-10,29,002 nº008.



Nesse caso, a correspondência de favorecimento parece não ter surtido o efeito necessário. A que isso se deve, não podemos precisar. Talvez o fato de Florêncio Franco exercer uma ocupação diferenciada implicasse na formação de uma teia social mais sofisticada do que extensa. Nesse sentido, ainda que o médico teve uma atuação preponderante na junta do Protomedicato e também como militar e comerciante de medicamentos, cabia a ele escolher com cuidado quais pedidos atenderia, ao invés de apenas distribuir favores.

Em outra carta, um pedido de inserção profissional no Laboratório de Química do Rio de Janeiro igualmente nos chamou a atenção. Em junho de 1816, João Bernardo Teixeira escreveu a Florêncio Franco pedindo que o indicasse para o Laboratório de Química do Rio de Janeiro. Apesar de não sabermos se a demanda foi atendida, alguns elementos da missiva podem nos ajudar a analisar a postura do médico frente a esse tipo de pedido:

Muito alto distinto e honroso senhor, há poucos dias tomei a confiança de escrever a Vossa Ilustríssima da fazenda do Capote e agora torno a tomar a mesma pela concessão com Vossa Ilustríssima. Nos outros tempos me quis honrar facultando-me este mesmo desembaraço a quem Deus eu o descanso que tenho a segurança nas letras se não a Vossa Ilustríssima digo daquela que eu professo e como não cessa aqui o meu desejo. Sendo Vossa Ilustríssima quem me abriu o caminho, desejava aprofundar mais essa estrada. Tenho notícia que há na Corte do Rio Laboratório de Química de grande autor, o Excelentíssimo Senhor Antônio de Araujo Azevedo. Eu desejava por sua proteção a entrada e saber de Vossa Ilustríssima que detalhes devo seguir. Vossa Ilustríssima tem feito o seu nome muito extenso, cujos favorecidos são outros tantos clarins da fama. Eu desejava que a minha pública gratidão também fosse um pequeno alicerce por aproximado aos meus desejos e forças e tendo eu a honra de gozar respeito de Vossa Ilustríssima me saberei determinar.

Hoje 25 de junho de 1816

De Vosso Ilustríssimo, o menor

João Bernardo Teixeira<sup>13</sup>

Através da escrita de João Bernardo, podemos perceber que Florêncio Franco parece realmente ter tido por hábito prestar auxílios, fossem negociados ou não. O próprio remetente afirmou que “nos outros tempos me quis honrar facultando-me este mesmo desembaraço” e “sendo Vossa Ilustríssima quem me abriu o caminho, desejava

<sup>13</sup> TEIXEIRA, João Bernardo. Carta a Florêncio Francisco dos Santos Franco pedindo proteção para sua entrada no laboratório de química do Rio de Janeiro. [S.l.], 25/06/1816. FBN-MSS I-10,31,005 n°011.

aprofundar mais essa estrada”. Além disso, o requerente também exalta a generosidade de Florêncio Franco com outros requerentes, ao afirmar que “Vossa Ilustríssima tem feito o seu nome muito extenso, cujos favorecidos são outros tantos clarins da fama”. Essa última passagem para nós apresenta-se dúbia, uma vez que não fica claro se os favorecidos são *clarins de fama* devido aos favores do médico ou por si só. A diferença entre as possibilidades é bastante clara, no primeiro caso, o mérito da ascensão social cabe ao favorecimento do médico, o que inclusive diminui a possibilidade de negociações em torno dos favores. Na segunda interpretação, os favorecidos seriam pessoas já estabelecidas socialmente, onde o interesse da negociação parece ser mais crível, no sentido que teriam possibilidade de oferecer algo em troca do favorecimento.

Utilizando-se das estratégias da escrita epistolar, o remetente ainda destina o encerramento da missiva a estabelecer uma espécie de compensação pelo favor pedido. Na última frase do texto, João Bernardo demonstra sua gratidão e a expectativa de que o favor crie um vínculo entre os interlocutores. Se não é uma troca objetiva de favores, o destinatário deixa claro que se dispõe a oferecer uma contrapartida, a ser estabelecida futuramente, conforme os alicerces da amizade se fortaleçam. Mais do que isso, sua gratidão seria pública. Considerando a importância dos favores em uma sociedade baseada na ideia da mercê, a gratidão pública tinha um valor muito maior que aquela restrita às partes.

Outra singularidade em seu acervo epistolar diz respeito a categoria que nomeamos anteriormente de “cartas de amizade”. Diferente de outros missivistas de Minas Gerais – que associavam a correspondência epistolar à gerência de seus negócios – Florêncio parecia utilizar a comunicação epistolar de forma cotidiana em sua vida privada. Nesse sentido, as cartas de familiares e amigos formam um razoável percentual de seu acervo. Dessas cartas, muitas tratam de assuntos comezinhos, como o estado de saúde de familiares e o envio de alimentos e presentes. A carta que se segue é um exemplo dessa categoria, tipificando-a em suas características:

Ilustríssimo Senhor Cirurgião Mor Florêncio Franco

Meu compadre e amigo, estimo a sua saúde. Remeto-lhe duas quartas de feijão, uma do branco, outra de um amarelo para Vossa Senhoria plantar na sua quinta, se gostas do amarelo irá mais.

Sua afilhada lhe remete três melancias, e está muito satisfeita com o alfinete precioso que vossa mercê lhe mandou. Sua comadre e todos se recomendam saudosos.



Sou seu compadre e amigo  
Bartolomeu Fernandes Rocha<sup>14</sup>

Em alguns casos, a proximidade do laço familiar permitiu que algumas regras da escrita epistolar fossem deixadas de lado. Tal qual o convite informal enviado pelo amigo Pereira Costa, a prima Maria Messias de Jesus e Lana escreveu diversas cartas ao médico tratando de assuntos corriqueiros e eventualmente pequenos negócios. Em um de suas cartas, Maria Messias derrama-se em elogios ao primo, em uma escrita que aparentemente foge das estruturas pré-estabelecidas pela Retórica para a escrita epistolar, como pode ver-se a seguir:

Ilustríssimo Senhor Capitão Florêncio

Meu primo e senhor a quem com [veracidade] amo e respeito. Cheguei a esta sua casa muito cansada dos caminhos e principalmente *saudosíssima de sua amável companhia que por mais que procure disfarçar, nunca me será possível.*

Minha mãe e mana com milhares de saudades se recomendam a Vossa Senhoria Seu afilhado lhe pede a benção e seu compadre muito lhe agradece os trabalhos e incômodos que Vossa Senhoria tem tido conosco e nós ambos desejamos ter ocasião do seu serviço e demonstrar-lhe nossa gratidão.

E fico com

De vossa prima muito amante e [obrigada]<sup>15</sup>

Apesar de nenhuma das cartas de Maria Messias ser datada, acreditamos que sejam da segunda década do século XIX, o que é consistente com as cartas enviadas por Eugênia Soares de Jesus e Lana, supostamente sua irmã, ao mesmo Florêncio Franco. Nesse caso, é possível que Maria Messias já tivesse contato com outra norma epistolar que vigorou a partir da segunda metade do século XVIII e que se pautava em muito na *La Nouvelle Héloïse*, de Rousseau. Essa obra marca a defesa de Rousseau de uma escrita mais autêntica, fugindo da rigidez da Retórica e expondo com naturalidade e espontaneidade os sentimentos dos correspondentes.

<sup>14</sup> ROCHA, Bartolomeu Fernandes. Carta a Florêncio Francisco dos Santos Franco comunicando o envio de feijão e melancias, e agradecendo o presente recebido. [S.l.], [s.d.] FBN-MSS I-10,31,003 n°023.

<sup>15</sup> LANA, Maria Messias de Jesus e. Carta a Florêncio Francisco dos Santos Franco agradecendo a estadia em sua casa. [S.l.], [s.d.] Consta P.S. sobre envio de comida. FBN-MSS I-10,30,001 n°011. Grifo nosso.

Mesmo tratados epistolares anteriores já apontavam para novas formas de escrita e construção de missivas. Dentro da proposta de “sinceridade” e “naturalidade” que surgiriam no século XVI e se consolidariam dois séculos depois, Erasmo de Rotterdam (c.1469-1536) escreveu o tratado *Breuissima maximeque compendiarum conficiendarum epistolarum formula*, impresso em 1520, onde aconselha que “o estilo epistolar deve ser simples e mesmo bastante descuidado, no sentido de um descuido estudado”, de forma que pareça “não trabalhado e quase improvisado e sem preparação”. No mesmo tratado, Erasmo caracteriza as cartas *familiares*. Segundo ele, essas são direcionadas a família e amigos e tratam de assuntos privados, sendo impossíveis preestabelecer-lhes uma fórmula. Suas características gerais são: simplicidade, franqueza, alegria, humildade na escrita (ainda que letrada), diversos assuntos e concisão. Ainda assim, para alcançar esse estilo, seria preciso leitura, treinamento e regras.<sup>16</sup>

Alguns anos depois, Justo Lúpsio (1547-1606) resgatou a ideia de Sêneca e Cícero da carta como um instrumento que traz o ausente para perto. Sêneca foi ainda mais longe e definiu a carta como uma “conversa de amigos”, sem que isso implique em despojamento do estilo epistolar. Para a manutenção do norma, Lúpsio defendeu o uso do estilo coloquial nas cartas conquanto se mantivesse a preocupação com cinco pontos imprescindíveis para sua construção: brevidade, clareza, simplicidade, elegância e decoro.<sup>17</sup> Esse tipo de escrita tornou-se um padrão da correspondência epistolar européia da segunda metade do século XVIII, apesar de não negligenciar de todo as normas anteriores.

A partir desses referenciais, é possível perceber um paralelo entre a prática missivista de Maria Messias e as famosas cartas de Leonor de Almeida Portugal.<sup>18</sup> A semelhança surge principalmente nas passagens onde ela expressa a dificuldade em esconder a saudade que sente do primo, e desculpa-se por isso, já que: “por mais que procure disfarçar, nunca me (lhe) será possível”. Tal qual a marquesa de Alorna, Maria Messias procura deixar claro que conhece as normas epistolares, e que conscientemente as subverte devido a informalidade e a espontaneidade que deixa aflorar nas cartas à

<sup>16</sup> TIN, Emerson (org.) *A arte de escrever cartas*: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p.51-57.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 24-25, 63.

<sup>18</sup> Filha de João de Almeida Portugal, segundo marquês de Alorna, Leonor de Almeida foi encarcerada no convento de Chelas por quase vinte anos, de onde escrevia ao pai cartas que se tornaram referências para o uso das normas epistolares.

Florêncio, características que denotariam sinceridade em sua fala. Nas cartas de Alorna, uniam-se a escrita respeitosa e disciplinada aos momentos sentimentais e extremamente afetivos, ainda que censurados por ela mesma, por não seguir as normas formais.<sup>19</sup> Seguindo o mesmo caminho, Habermas afirmaria que o século XVIII foi o século das cartas, visto que:

Na esfera da intimidade da pequena família, as pessoas privadas consideraram-se independentes também em relação à esfera privada de suas atividades econômicas – exatamente como pessoas que podem estabelecer relações “puramente humanas”.<sup>20</sup>

Com essa colocação Habermas referenda o tipo de missiva composto pela marquesa de Alorna e por Eugênia Soares e Maria Messias, as supostas primas de Florêncio Franco. Eram, portanto, formas dos correspondentes exercitarem sua subjetividade e a cortesia familiar. Essa característica evidencia novamente a distância que separa as cartas de Florêncio Franco das missivas mineiras que circulavam comumente no período, grosso modo relacionadas à gestão dos negócios.

Pesem-se os fatores já explicitados no que se refere à atividade profissional e a formação acadêmica de Florêncio, a comparação da escrita negócios predominante nas trocas epistolares dos comerciantes mineiros do século XVIII em diante parece chocar-se com as cartas de amizade de Florêncio. Passados mais de cinquenta anos das cartas mercantis que compõe o maior conjunto do acervo da Casa dos Contos, o fato é que talvez haja aqui uma nova transformação de identidade. Por um lado, as frias notícias comerciais, que nos remetem às trocas comerciais e corporativas expostas por Habermas<sup>21</sup> para os princípios do século XIV europeu; por outro, a escrita da “Era do Sentimentalismo” do século XVIII, onde se despe a alma do missivista e afloram os sentimentos e emoções. Assim como no modelo de civilidade a ser seguido – variando entre o modelo patrimonial e o cível – aqui se mesclam duas formas de comunicação:

<sup>19</sup> “Suas cartas são ditadas pela ternura, mas reflectem as preocupações de uma escritora que sabe que as palavras lançadas sobre o papel tem que ser pensadas, obedecendo a determinadas regras. Por muito que queira seduzir o pai, Alcipe nunca esquece que lhe deve obediência e que está a escrever a alguém que tem o poder de ordenar e proibir.” (ALMEIDA, 2004, p. 31)

<sup>20</sup> HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 65

<sup>21</sup> *Idem*, p. 29



uma bem mais antiga e outra mais contemporânea, típicas das transformações que davam termo ao Antigo Regime português.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Teresa Souza de. Tratados epistolares do século XVIII. Teoria e prática na correspondência de Chelas. In: ANASTÁCIO, Vanda. *Correspondências: usos da carta no século XVIII: actas do congresso Internacional Correspondências no Século XVIII*. Lisboa: Edições Colibri e Fundação das Casa de Fronteira e Alorna, 2004.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* 7ª edição. Lisboa: Vega, 2009.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína. (coord.) *Usos & abusos da História oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SANCHES DE BAENA FARINHA, Augusto Romano. *Diccionario Aristocrático que contém todos os alvarás de foros de fidalgos da Casa Real, médicos, reposteiros e porteiros da Real Câmara, títulos e cartas do conselho (...) oferecido ao seu amigo Innocêncio Francisco da Silva por A.R.S.B.F.* Lisboa, 1867.

SILVEIRA, Marco Antônio. *O universo do indistinto: Estado e sociedade nas Minas setecentistas (1735-1808)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

TIM, Emerson (org.) *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

